

## LUZ E SOMBRA NOS EDITORIAIS DA FOLHA DE S. PAULO

Sonia Irene Silva do CARMO<sup>1</sup>

- RESUMO: Utilizando como recurso metodológico a Análise do Discurso, analisaram-se três editoriais do jornal *Folha de S. Paulo*, escolhidos a partir de uma determinada temática: a avaliação feita pelo jornal do governo Itamar Franco, no que respeita ao tratamento de questões sociais.
- UNITERMOS: Discurso da imprensa; análise do discurso; imprensa e ideologia.

Este trabalho constitui um exercício de análise de três editoriais do jornal *Folha de S. Paulo*, entre os meses de novembro e dezembro de 1992, dos quais selecionamos alguns trechos que se referem à forma como o jornal avalia o governo de Itamar Franco, em relação às "questões sociais".

A escolha de editoriais como *corpus* da análise não é aleatória: entendemos que o editorial representa, entre as diversas seções do jornal, aquela em que se manifestam, com maior clareza, determinadas posturas ideológicas, e é exatamente ali que podemos identificar os interesses aos quais o jornal se liga mais diretamente.

Trata-se de um exercício de análise política, que utiliza como principal instrumento metodológico a Análise do Discurso, também denominada AD. Preliminarmente, portanto, fazem-se necessárias algumas considerações metodológicas sobre a articulação entre esses dois campos de conhecimento.

A análise das ideologias enfrenta a dificuldade derivada da ausência de métodos adequados, seja na área da história, seja na das ciências sociais. Os estudos freqüentemente permanecem no plano dos significados imanentes dos discursos, o que impede o olhar através do texto, na busca de uma multiplicidade de sentidos, muitas vezes ocultados pela própria linguagem.

As propostas da Análise do Discurso podem constituir um instrumental metodológico importante na superação dessa dificuldade, exatamente por permitir, ao mesmo tempo, um "mergulho" no modo de funcionamento do texto e o estabeleci-

---

1. Departamento de Economia - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800-900 - Araraquara - SP.

mento de relações entre a linguagem e os demais níveis da formação social, particularmente a ideologia.

Como destaca Maria Thereza F. Rocco:

O objeto da AD é a linguagem verbal do homem no mundo, bem como as relações que esse homem estabelece com a realidade, através da palavra. (1989, p. 72)

O ponto de partida, ou se quisermos, o "pano de fundo" que orienta a análise são as condições de produção do discurso, pelas quais se configuram as relações extralingüísticas e que envolvem os interlocutores, a situação, o contexto histórico-social e ideológico, tal como se apresentam no momento da produção do discurso. (Pecheux, 1969).

No caso específico dos textos a serem analisados, o contexto situacional corresponde aos dois últimos meses de interinidade do presidente Itamar Franco, período inaugurado com o afastamento de Collor pelo Congresso.

A análise, propriamente, concentra-se nos textos selecionados, momento em que se interpretam os efeitos de sentido carreados pelo discurso, por meio das marcas verbais nele contidas. Estas serão, por sua vez, associadas a determinadas formações discursivas, às quais correspondem formações ideológicas.

Entende-se por formação discursiva "a matéria-prima" de que um homem de uma dada formação social dispõe para elaborar os seus discursos. (Fiorin, 1983, p. 225)

A AD é flexível em relação aos critérios de análise, admitindo uma variedade de recursos metodológicos:

Tratando da linguagem em função, em ação, a AD irá contemplar os contextos situacionais e as condições de produção do verbal - em razão do que seus domínios terão que necessariamente trabalhar com a argumentatividade da linguagem, com as funções sociais da linguagem, com os níveis de pressuposição (implicações e subentendidos), com a enunciação, seus problemas de polifonia e recortes, com a pragmática e a semântica, com o diálogo e com os atos de linguagem. (Rocco, 1989, p. 72)

É preciso levar em conta sobretudo a intencionalidade do detentor da fala, o qual produz seu discurso de modo a persuadir o interlocutor, mediante a utilização de determinados operadores argumentativos.

Embora todo discurso tenda a ser persuasivo, ou retórico, podemos distinguir um tipo de discurso que utiliza técnicas retóricas com vistas à manipulação, tomando-se um instrumento de poder. Essa característica é fundamental quando se pensa, por exemplo, no discurso político ou no discurso da imprensa, que passamos a analisar em seguida.<sup>2</sup>

---

2. Cabe lembrar, entretanto, que a intenção do sujeito do discurso e os recursos persuasivos que utiliza não garantem sua eficácia. Todo discurso é reinterpretado pelo interlocutor. E, se ele é eficaz, se é capaz de mudar

## O DESAFIO SOCIAL

Um dos maus costumes mais arraigados dos líderes no Brasil é o tratamento retórico que dão à miséria escandalosa em que vegeta boa parte da população. No mundo da hipocrisia, nomear o problema ganha ares de solução. O discurso político recente dá muitos exemplos dessa forma parasitária de oportunismo - do *slogan* "tudo pelo social" à invocação dos "descamisados". O governo Itamar Franco não parece fugir a essa regra. O mais lamentável em tal vício é que o país de fato apresenta matéria-prima abundante para sua prática. O Estado brasileiro carrega uma dívida social gigantesca, como fica claro com os matizes de guerra civil que já assume a violência urbana.

A questão da violência - e de resto toda a questão social - é por demais complexa para ser enfrentada com pseudo-soluções tão radicais e simplistas. ...não há dúvida porém de que o país só se verá livre de seus tristes recordes quando superar a crise econômica que impede o acesso da maioria de seus cidadãos a uma vida digna. Este é o verdadeiro desafio, que no entanto ainda não encontrou um governo à altura.

O editorialista conduz a argumentação no sentido de desqualificar um determinado tipo de discurso, sem identificar, de imediato, a pessoa efetivamente visada pela crítica. Para isso, utiliza, como recurso argumentativo, a generalização do comportamento dos "líderes" no Brasil. O "alvo" da crítica vai se revelando mediante o emprego de *slogans*, que implicam a relação com seus autores ("Tudo pelo social" era o lema de Sarney, e o apelo aos "descamisados" era próprio de Collor). Portanto, os "líderes" vão ganhando identidade, sem serem, no entanto, nomeados: são os presidentes, antecessores de Itamar, aos quais se atribui um comportamento negativo: o tratamento retórico dado às questões sociais.

O tom crítico é proporcionado principalmente pelos adjetivos "maus" e "arraigados", qualificando costumes, ao mesmo tempo que se interpreta esse "costume" como "mundo da hipocrisia" e "forma parasitária de oportunismo". O argumento está reforçado pelo verbo "nomear", pelo qual o editorialista esvazia o conteúdo dos discursos que critica, identificando-os com meros simulacros de "solução". Só então se faz referência ao governo de Itamar Franco, colocando-o no mesmo plano que o dos outros presidentes: "não parece fugir a essa regra".

Temos aqui um argumento por comparação. Mas trata-se de uma comparação sutil, que pressupõe um leitor informado, capaz de recordar fatos políticos passados, associando os *slogans* mencionados a seus autores.

Maria Thereza F. Rocco refere-se aos argumentos por comparação, apoiando-se no conceito de "argumentos quase lógicos" de Perelman, definidos pelo "caráter não formal e pelo esforço de pensamento de que necessita sua redução ao formal" (Rocco, 1989, p. 65).

---

comportamentos e atitudes, é porque, de algum modo, entra em consonância com valores e aspirações presentes, de forma definida ou difusa, no corpo social.

Na categoria de "argumento quase lógico" inscrevem-se os chamados argumentos por comparação, que se processam por meio de relações analógicas ou por meio de identificações. Através da comparação atribuem-se e hierarquizam-se valores. E essas relações de valorização, dadas como estabelecidas, acabam por se tornar irrefutáveis.

O processo de comparação se dá formalmente por meio de qualificação, desqualificação, identificação de pessoas, objetos, situações, sensações. Avaliamos algo em relação a algo. (Rocco, 1989, p. 66)

A comparação explícita só aparece no final do parágrafo: "O governo Itamar Franco não parece fugir a essa regra". A crítica fica ligeiramente atenuada pela fórmula "não parece fugir", que tem a função de descomprometer a posição do jornal: as afirmações categóricas sempre podem vir a ser desmentidas pelos fatos posteriores.

Observe-se que o editorial não nega a existência dos problemas sociais. Ao contrário, também adota, perante os mesmos, uma postura crítica, revelada pelos adjetivos "escandalosa" (miséria), e "gigantesca" (dívida social) e pelo verbo "vegetar".

O emprego de grande número de adjetivos com forte carga valorativa é um dos recursos que mais contribuem para reforçar a crítica, constituindo-se, aqui, em elemento fundamental para a condução argumentativa.

Somente no último parágrafo do texto, está colocada, afinal, a solução preconizada pelo jornal, o fecho para o qual o discurso é conduzido, com o objetivo de apresentar a opinião do jornal: "não há dúvida porém de que o país só se verá livre de seus tristes recordes quando superar a crise econômica que impede o acesso da maioria de seus cidadãos a uma vida digna. Este é o verdadeiro desafio, que no entanto ainda não encontrou um governo à altura".

Veremos, a seguir, num trecho de outro editorial, como essa solução (superação da crise econômica) pode ser articulada a uma determinada formação discursiva e, conseqüentemente, a uma postura ideológica.

Folha de S. Paulo, quinta-feira, 17 de dezembro de 1992.

#### A SAÍDA DE KRAUSE

A demissão do ministro da Fazenda, Gustavo Krauze, tem o poder de tornar mais transparente a orientação econômica do governo Itamar Franco: a ausência de qualquer orientação.

Não foi ainda desta vez, portanto, que se desenhou o perfil da gestão Itamar - se o da primazia do efeito popular em detrimento da racionalidade econômica, como sugere o estilo do presidente, ou se o da correção social de um programa que não renuncie à incontornável modernização, como espera a sociedade.

No primeiro editorial o alvo principal era o tratamento retórico dado aos problemas sociais, em detrimento de uma solução da crise econômica. Neste, identificamos a mesma temática: a questão da retórica é aqui nomeada como "efeito

popular", enquanto o problema econômico vem novamente à tona, a parar da crítica à indefinição do governo em relação a ele.

No primeiro parágrafo, a crítica se reveste do recurso persuasivo da ironia, aliado a um "efeito surpresa", dado pela reversão da expectativa criada com a última frase: "a ausência de qualquer orientação".

Mais uma vez, o texto é estruturado com base em dois grandes segmentos: o primeiro, onde predomina a crítica, e o segundo, onde esta está imbricada à opinião do jornal.

A linha argumentativa é conduzida tendo como eixo a fórmula "se ... ou se", onde o que segue ao "se" representa a crítica, enquanto na seqüência de "ou se" revela-se a opinião do editorialista.

Merecem comentário especial, em relação a esta segunda parte, dois vocábulos utilizados, que são reveladores da postura ideológica do jornal: "racionalidade" e "modernização". Eles estão saturados de uma carga valorativa, que carrega, como subentendidos, seus opostos: o irracional e o ultrapassado ou atrasado.

Reporto-me, mais uma vez, a Maria Thereza F. Rocco, quando se refere ao conceito de "lugares", de Perelman, "lugares" esses que constituem uma espécie de suporte para o encaminhamento da argumentação e que se apresentam sob a forma de dicotomias, como por exemplo a oposição valorativa entre precário e durável, entre agora e outrora, entre muito e pouco.

Evidentemente, o privilégio e a escolha de qualquer tipo de "lugar" serão efetivados em função de certas visões de mundo, de padrões eleitos, de um tempo histórico, de uma determinada ideologia. Assim, por exemplo, as relações velho/novo, durável/momentâneo, rico/pobre, entre outras, serão caracterizadas e valorizadas diversamente, como aliás já o foram em períodos anteriores da história. (Rocco, 1989, p. 69-70)

Vejamos os sentidos que esse par de vocábulos (racionalidade e modernização) introduz no texto. "A primazia do efeito popular" torna-se aqui o oposto da racionalidade, portanto, assume o sentido (implícito) de irracionalidade. A crítica é atenuada pela fórmula "*como sugere o estilo do presidente*", que, mais uma vez, permite ao editorial escapar da afirmação categórica.

A posição do jornal está explicitada pela fórmula "correção social", relativa a "programa", caracterizado este como "modernização incontornável". Cabe destacar a ênfase obtida com o uso do adjetivo "incontornável", que sugere uma trilha obrigatória, da qual não se poderá desviar, a não ser pela escolha do caminho da irracionalidade e do atraso.

Observe-se, também, a forma pela qual o editorialista identifica sua proposta (ou a do jornal) com aquela que "a sociedade espera". Ao se identificar com a sociedade como um todo, o jornal atribui a esta suas próprias propostas políticas e posturas ideológicas. Nesse sentido, caberia indagar a que categorias sociais corresponde a proposta de modernização e racionalidade econômica, generalizada aqui como um anseio de toda a sociedade.

Podemos voltar, agora, a analisar a questão da indefinição do presidente, colocada como ponto de partida da crítica. Não se trata, de fato, de uma indefinição qualquer. Mas sim em relação à proposta de modernização e racionalidade econômica que o jornal defende e que, afinal, sugere a priorização do plano econômico sobre o social.

Folha de S. Paulo, quarta-feira, 23 de dezembro de 1992.

#### POPULARIDADE E POPULISMO

A pesquisa DataFolha divulgada hoje vem mostrar que o presidente Itamar Franco já colhe os frutos de seus insistentes apelos de caráter populista. Era de esperar, de fato, que a simples enunciação de boas intenções "sociais", após mais de dois anos de mandato de um presidente perseverante em frustrar expectativas da sociedade, despertasse simpatia por parte do público. Tal é a característica de governos populistas: começam com enorme prestígio, angariado à base de promessas e medidas demagógicas, depois caem em desgraça quando se avizinha o inevitável desastre econômico decorrente de intervenções irracionais no mercado.

A poder de iniciativas espetaculares contra o preço dos remédios e em favor do repasse de tarifas públicas, Itamar obteve uma momentânea inversão de expectativas no que toca à avaliação da capacidade do governo para resolver problemas econômicos ...

Em lugar de apenas comemorar tais índices, totalmente previsíveis para um governo que fez sua opção preferencial pelo efeito em detrimento da racionalidade, o atual ocupante do Planalto deve ter em mente que mais dia menos dia terá de apresentar resultados palpáveis para questões tão complexas quanto a inflação e o desemprego. A tolerância inicial em breve não poderá mais ser mantida com meras profissões de fé populistas, que trarão dividendos apenas enquanto durar a interinidade formal em que o presidente refugiou a própria indefinição.

A idéia central que norteia o texto é a de que o governo Itamar Franco adota um modelo, aqui caracterizado como "populista". É uma outra forma de nomear o "efeito popular" e o "tratamento retórico" dado aos problemas sociais, presentes nos outros editoriais.

São utilizados como recursos persuasivos o modalizador "já" ("já colhe os frutos") e o adjetivo "boas", modificando intenções, ao mesmo tempo que é reforçada a idéia de que se trata apenas do plano verbal e não da ação: "apelos de caráter populista" e "simples enunciação".

É interessante verificar como o vocábulo "populismo", com o qual o jornal vem identificando o governo Itamar Franco, é empregado com sentido diverso daquele consagrado pela ciência política. É empregado como instrumento de crítica a determinadas posturas ideológicas, e portanto, apresenta-se como meio de veiculação de uma posição oposta. É isso que procuraremos detectar por meio da análise, a seguir.

Vale lembrar que o conceito de populismo se refere a um estilo de governo, correspondente a um período histórico determinado, inaugurado com a revolução de 1930. Caracteriza-se esse momento pelo processo econômico de desenvolvimento de

capitalismo no Brasil e pela incorporação das classes populares ao jogo político (Weffort, 1986, p. 61).

O populismo, enquanto fenômeno político, apresentou-se de forma variada, segundo o estilo pessoal de cada líder, mas teve como traços comuns o esforço pela conquista de votos e a manipulação das aspirações populares (Weffort, 1986, p. 62).

É essa última característica que certamente induz o jornal a generalizar certo tipo de atitude e de discurso, particularmente do presidente Itamar, como "populista".

Francisco Weffort, que dedicou grande parte de seus esforços de pesquisa e análise ao tema do populismo, alerta para a tentação de interpretar o fenômeno pelo seu caráter pessoal mais do que histórico e social. E referindo-se à manipulação das aspirações populares, esclarece:

Parece-nos, contudo, que embora a manipulação tenha sido uma das tônicas do populismo, seria demasiado sumário e abstrato caracterizar apenas como manipulação um estilo de liderança política - e, em certo sentido, um tipo de regime político - que, de qualquer modo, se confunde em muitos aspectos com a história do país nos últimos decênios. O populismo foi, sem dúvida, manipulação de massas, mas a manipulação nunca foi absoluta. Se o fosse, estaríamos obrigados a aceitar a visão liberal elitista que, em última instância, vê no populismo uma espécie de aberração da história alimentada pela emocionalidade das massas e pela falta de princípios dos líderes. (1986, p. 62)

É exatamente essa a visão que o jornal tem do discurso do presidente Itamar Franco, atribuindo-lhe a capacidade de manipular, o que se evidenciaria pelos resultados favoráveis da pesquisa: "A pesquisa DataFolha divulgada hoje vem mostrar que o presidente Itamar Franco *já colhe os frutos de seus insistentes apelos de caráter populista*". Também se implica essa capacidade de manipulação, a partir da reação esperada e previsível do público: "*Era de esperar*, de fato, que a simples enunciação de boas intenções 'sociais', após dois anos de mandato de um presidente perseverante em frustrar expectativas da sociedade, despertasse simpatia por parte do público". E ainda: "índices *previsíveis* para um governo que fez sua opção preferencial pelo efeito...".

A proposta do jornal, em oposição ao "efeito", é apenas sugerida e pode ser revelada pela análise, desde que juntemos os fragmentos aparentemente isolados do texto. O alvo da crítica não é realmente a retórica, mas sim determinadas "medidas demagógicas", que seriam responsáveis por "inevitável desastre econômico decorrente de *intervenções irracionais no mercado*". Temos aqui, afinal, o fulcro da questão.

O parágrafo seguinte permite esclarecer a que medidas o editorial se refere: o controle do preço dos remédios e o represamento de tarifas públicas, denominadas "iniciativas espetaculares", onde o adjetivo "espetaculares" é responsável pelo tom crítico e até mesmo pejorativo. Portanto, não é apenas o discurso "populista" que se ataca, mas sobretudo determinado tipo de ação: aquele que representa intervenções do Estado, dadas como irracionais, nos mecanismos de mercado.

Encontramos, mais uma vez, a oposição entre racional e irracional, já mencionada, e que é reforçada na seqüência: "um governo que fez sua opção preferencial pelo efeito em detrimento da *racionalidade*".

Curiosamente, o jornal se enreda numa contradição: como vimos no outro editorial, a racionalidade e a modernização correspondiam àquilo que "espera a sociedade". Aqui, ao contrário, o atendimento a certas aspirações é considerado como comportamento irracional. A saída para essa contradição se faz pela utilização de um vocábulo alternativo: *público*. Nesse caso, para o jornal, sua opinião se identifica com a da *sociedade*, enquanto a aceitação das medidas demagógicas, indicada pela pesquisa, se dá por parte do público: "Era de esperar... despertasse simpatia por parte do *público*".<sup>3</sup>

A análise permite associar a racionalidade exatamente aos mecanismos livres do mercado, e a irracionalidade, à intervenção.

Ora, a proposta de não-intervenção nos mecanismos do mercado é própria do discurso neoliberal, que sabidamente é defendida pelo empresariado brasileiro. É por aí que podemos chegar a entender que "sociedade", de fato, está no lugar de empresariado, e portanto do segmento com o qual o jornal se identifica, em oposição ao público (parcela da população que supostamente é sensível aos apelos de caráter populista, ou seja, as classes populares).

Não se trata, aqui, de discutir a coerência do discurso ou a eficácia das medidas tomadas pelo governo Itamar. O que procuramos demonstrar é que o vocábulo "populismo" constitui, no discurso do editorial da Folha, uma máscara para a crítica à intervenção no mercado e para a priorização de uma determinada política econômica, "em detrimento" (parafrazeando o editorial) do discurso que tematiza as questões sociais ou de medidas que, de alguma forma, corresponderiam às demandas dos setores populares.

Temos, portanto, um discurso que, embora enfatize a crítica à manipulação, também é manipulador, como aliás ocorre com todo discurso político.

Ao identificar-se com a "sociedade", o jornal, especificamente nesses editoriais analisados, procura criar a ilusão de unanimidade em relação a suas propostas e oculta a origem social dos interesses que defende. Sob a máscara da racionalidade e da modernização, apresentados como valores gerais e portanto irrefutáveis, o editorial silencia (o que também é revelador) sua adesão ao projeto neoliberal, que não poderia ser apresentado como aspiração unânime da sociedade, uma vez que é contestado por muitos de seus setores.

Para concluir este trabalho, faz-se necessário retomar algumas das questões levantadas de início, com relação às possibilidades abertas pela Análise do Discurso aos estudos sobre a ideologia. Como procuramos demonstrar, através da análise dos

---

3. É revelador que o editorial também utilize o termo "sociedade" no trecho "dois anos de mandato de um presidente perseverante em frustrar as expectativas da *sociedade*". Podemos supor que as expectativas do jornal foram frustradas (o jornal se identifica com a sociedade), o que significa que o projeto de Collor era aceito por ele.



editoriais da *Folha*, o discurso, ao mesmo tempo que ilumina determinados sentidos, oculta outros, à sombra de recursos retóricos que se constituem, afinal, em processos de manipulação. Esperamos ter deixado claro que o "mergulho" no funcionamento do texto, por meio da Análise do Discurso, permite desmontar e revelar esses recursos, enquanto indícios de posturas ideológicas que se relacionam com questões colocadas no plano mais geral da formação social.

CARMO, S. I. S. do. Lights and shadows in the newspaper. *Folha de S. Paulo* editorials. *Perspectivas*, São Paulo, v. 16, p. 255-263, 1993.

- **ABSTRACT:** *This paper analyses three newspaper editorials from Folha de S. Paulo, using the discourse analysis as a methodological approach all the texts home the same theme: the newspaper evaluation of Itamar Franco government discourses conceding social problems.*
- **KEYWORDS:** *Press discourse; discourse analysis; press and ideology.*

## Referências bibliográficas

- FIORIN, J. L. *A religião da imanência: uma leitura de discursos presidenciais (1964-1978)*. São Paulo, 1983. Tese (Doutoramento em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- PECHEUX, M. *Analyse automatique du discours*. Paris: Dunod, 1969.
- ROCCO, M. T. F. *Linguagem autoritária: televisão e persuasão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- WEFFORT, F. C. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.